

A dimensão pedagógica da Embaixada do Samba*

Leila Maria da Silva Blass**

Resumo

Este artigo pretende mostrar, em linhas gerais, algumas atribuições na que apresentam uma dimensão pedagógica e são exercidas pelos integrantes da Embaixada do Samba. Essa forma de organização dos sambistas da cidade São Paulo surge, em 1995, com a tarefa de coordenar a escolha anual do casal de Cidadão e Cidadã Samba, figurantes da Corte de Carnaval nessa cidade. O tempo no samba, ou seja, a pertença, no mínimo, por vinte e cinco anos a quaisquer das agremiações paulistanas de Carnavale constitui um dos critérios fundamentais para fazer parte deste seletivo grupo de sambistas. Desse modo, embaixadores e embaixatrizes teriam acumulado conhecimentos e informações importantes para formação de outros sambistas no que refere às normas, atitudes e rituais relativos ao mundo do samba.

Palavras-chave: agremiações carnavalescas; rituais; oralidade; embaixada do samba; São Paulo;

Abstract

This article intends to show, in general, in some assignments that present a pedagogical dimension and are carried out by members of the Embassy of Samba. This form of organization of the city of São Paulo samba dancers surge in 1995, within the UESP, with the task of coordinating the annual choice of the pair of Citizen and Citizen Samba, Carnival Court of extras in this city. The time in samba, the 25 years at least of service to Sao Paulo samba is one of the key criterion to join this select group of samba. Thus, ambassadors and ambassadress would have accumulated knowledge and information important to the formation of other samba dancers in relation to norms, attitudes and rituals relating to the world of samba.

Keywords: carnival associations; rituals; oral; embassy of samba; São Paulo.

* Este artigo faz parte do relatório da pesquisa “A força da idade e os guardiões do samba”, apresentado ao CNPq, em 2010, no contexto da Bolsa Produtividade.

** Titular em Sociologia e livre Docente pela Faculdade de Ciências Sociais da PUCSP. Doutora em Sociologia pela USP. Docente do Departamento de Sociologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUCSP. E-mail: leilamsb@pucsp.br

Introdução

(...)
Pioneiros da nossa cultura
A Embaixada tem história pra contar
Seus sambistas de valores
E as pastoras a cantar
(...)¹

A Embaixada do Samba de São Paulo é instituída, em 1995, interior da União das Escolas de Samba Paulistas (UESP)² com a tarefa de organizar a escolha do casal Cidadão e Cidadã Samba, figurantes da corte carnavalesca nessa cidade. No entanto, embaixadores e embaixadoras,³ principalmente os chamados “mestres” coordenam um conjunto de rituais, exercendo, na prática, funções pedagógicas a fim de se preservar as tradições do samba paulistano, ao transmitirem um conjunto de conhecimentos e informações que lhes foi transmitido no decorrer de sua trajetória biográfica nas agremiações carnavalescas.

Com esse objetivo, participam da programação do dia do samba, em 2 de dezembro. Nesse dia, festejam suas memórias no samba e as experiências guardadas em fragmentos que emergem no decorrer desse dia. A maioria dos embaixadores e embaixatrizes passa quase todo dia juntos, perambulando pelas atividades previstas para acontecer na cidade. Demonstam, assim, o seu afeto e respeito ao samba.

Enquanto “pioneiros da cultura” do samba, as atribuições dos membros da Embaixada do Samba extrapolam, contudo, essas comemorações. Ou seja, deveriam estar atentos no sentido de manter

1 Samba exaltação “Pioneiros da cultura – Homenagem à Embaixada”, de T. Kaçula/Renato Dias.

2 A UESP, fundada em 1973, é uma das instituições representativas das agremiações carnavalescas paulistas, além da Liga Independente das Escolas de Samba (LIGA) que foi criada em 1986 no decorrer dos confrontos entre representantes das agremiações carnavalescas quanto à distribuição de verbas e ao diálogo com os órgãos públicos. As escolas de samba do Grupo Especial e do Grupo de Acesso na cidade de São Paulo ficam, a partir de então, vinculadas à LIGA. Em 1982, surge a Federação das Escolas de Samba e Entidades Carnavalescas do Estado de São Paulo (FESEC) cujo objetivo seria incentivar as atividades culturais, folclóricas e turísticas do conjunto das escolas de samba. Em 1995, foi fundada a Associação dos Mestres Salas, Porta Bandeiras e Porta Estandartes do Estado de São Paulo (AMESPBEEESP) cuja tarefa principal seria a formação e aprimoramento no desempenho dos responsáveis pelo pavilhão, maior símbolo das agremiações carnavalescas. Em 1999, surgiu a Associação dos Destaques das Escolas de Samba Paulistas (ADESP), tendo objetivos semelhantes aos da AMESPBEESP, conforme sugere Urbano (2006, p. 217).

3 Existe uma polêmica no interior da Embaixada do Samba em torno dessa denominação. Alguns deles usam a expressão “embaixatriz” que, inclusive, está escrita na faixa vermelha das sambistas.

e preservar as tradições do samba paulistano, apesar da ausência de registros escritos. Então, como exercem esse papel acentuadamente pedagógico?



Alguns embaixadores em suas funções pedagógicas

Um conjunto de conhecimentos, informações, atitudes e valores, isto é, um saber de sambista que se funda no saber fazer concreto é transmitido oralmente através de gerações. A pluralidade marca esse saber fazer que se caracteriza por um certo grau de variância tanto entre as agremiações carnavalescas, quanto quem coordena determinada atividade. Por esse motivo, os rituais não seguem necessariamente a mesma exigência sequencial de tarefas e de elementos. Dona China, por exemplo, confessa: “batismo meu, não tem vela, cachaça. Tem champanhe e não se dá em copo. O casal bebe na mão” e completa, foi assim que aprendi em Santos.⁴

Diante disso, surge o desafio: como registrar por escrito, enquanto norma geral, o que fazer em um ritual de batismo? Em outras palavras, como registrar, por escrito, práticas e procedimentos sem prescrições rígidas e receituários pouco adequados ao funcionamento cotidiano das escolas de samba? Um preceito básico dos rituais de batismo nas agremiações carnavalescas ou em alas diz respeito ao fato que uma agremiação ou ala só pode ser batizada por outra mais antiga. Mas, como acontece esse ritual? Urbano (2004) no seu livro registra, por exemplo, dois rituais de batismo. (idem, pp. 131-134). Qual deles é mais legítimo do que outro? Quais critérios adotar na tomada de decisão?

Outro exemplo se refere à distribuição de ritmistas⁵ na bateria de uma escola de samba. Cada uma define seus procedimentos que marcam diferenças e demarcam singularidades, embora ninguém possa “atravessar” o samba. Esse código não verbal anuncia a presença das agremiações carnavalescas para si e para os outros.

Seo Nenê da Vila Matilde, sempre tentou acompanhar a fim de instruir os ritmistas nos ensaios da bateria da escola de samba em que é um dos seus fundadores. Com gestos, marcava as síncopes do samba e com o olhar atento observava a posição de cada um, nos seus preparativos iniciais para o desfile de Carnaval em 2008.

4 . Depoimento concedido em 11 de janeiro de 2009 na quadra do Vai Vai, antes do início de um dos ensaios para o Carnaval 2009.

5 Osvaldinho da Cuíca diferencia batuqueiro, ritmistas e percussionista, embora todos possam tocar pandeiro, tamborins, caixas, atabaques etc. Para ele, o saber fazer dos batuqueiros apresenta uma dimensão quase divina; os ritmistas seriam os componentes de uma bateria das agremiações carnavalescas e denomina como percussionistas quem possui formação musical acadêmica.

A dimensão pedagógica da Embaixada do Samba





Eduardo Nascimento conhecido como “Cabo Verde”, embaixador e Cidadão Samba no Carnaval de 2010, é convidado para presidir rituais de batismo em escolas de samba no estado de São Paulo. Adota procedimentos que outros podem discordar, porém não prescinde da presença dos pavilhões e de quem o conduz, ou seja, o casal de Mestre Sala e Porta Bandeira, um dos componentes importantes na vida cotidiana das escolas de samba.

O desenrolar do ritual gira em torno dos pavilhões – da anfitriã e da “madrinha” – que são seus protagonistas centrais, pois uma agremiação carnavalesca e/ou uma das suas alas é batizada por outra e não seus componentes. Os casais de Mestres Sala e Portas Bandeira; alguns ritmistas; cantores; compositores, algumas baianas e diretores de harmonia das agremiações envolvidas, ou seja, “madrinha e afilhada” – participam dessa cerimônia enquanto seus representantes. Inicia-se com um rufar da bateria dado pela anfitriã, anunciando a chegada da comitiva da “madrinha” que percorre a quadra em direção ao mestre de cerimônias que conduzirá as atividades.

Após as saudações, os presentes permanecem voltados para o espaço central da quadra, aguardando a dança dos casais ao som das respectivas baterias e dos sambas de enredo mais marcantes das agremiações envolvidas. A dança consiste no revezamento dos mestres sala e na troca de pavilhões entre as portas bandeira a fim de preparar o seu encontro quando os casais, segurando as pontas dos pavilhões, giram, em sentido

horário, estabelecendo os vínculos e inaugurando os laços de parentesco entre as agremiações carnavalescas e/ou alas.

Em seguida, cada casal recupera seu respectivo pavilhão a fim de serem batizados ou molhados com champanhe. Isso feito, a bebida é oferecida aos casais pelos diretores da harmonia presentes, sendo que cada casal a toma na palma da mão. O restante da champanhe é distribuído entre os componentes das escolas de samba envolvidas. Em seguida, os casais trocam os pavilhões e “dançam” acompanhados pela marcação da bateria da escola de samba anfitriã. A cerimônia se encerra, quando o casal de mestre-sala e porta-bandeira da anfitriã traz um novo pavilhão enrolado e trazendo dentro rosas brancas.⁶ Ao ser desenrolado, caem as rosas; os convidados batem muitas palmas e esse pavilhão colocado em uma haste receberá uma rosácea com as cores da sua “madrinha”. Essa rosácea deverá a partir de então acompanhar o pavilhão principal, como assinala Urbano (2004), “em todas as cerimônias oficiais em que os casais de mestre-sala e porta-bandeira se apresentarem” (idem, p. 133).



⁶ Explica Dona China: as rosas são brancas ou amarelas, se o batismo é de uma escola de samba que está nascendo; e as vermelhas no caso de uma agremiação que já existe. Cf. depoimento de 11 de janeiro de 2009 ...

O batismo pode ser considerado o ritual de passagem das agremiações carnavalescas ou de uma de suas alas para o mundo do samba porque, como explicam muitos embaixadores, deixaria “de ser pagã”. Ou seja, uma é reconhecida publicamente por outra mais antiga que a legitima enquanto participante do conjunto das organizações carnavalescas. A prática do batismo mostra, portanto, a religiosidade que perpassa as relações sociais no mundo do samba. Essa dinâmica transparece também em outras manifestações da cultura popular como, por exemplo, nas congadas.

Os pavilhões ou estandartes constituem os símbolos mais importantes das agremiações carnavalescas, seguindo tradições culturais herdadas presentes nas manifestações populares. Por isso, escreve Urbano (2004), são “o que há de mais valioso e respeitado” (idem, p. 215).

Desse modo, se ampliam contatos e redes que dão, muitas vezes, respaldo ao funcionamento cotidiano das agremiações carnavalescas. O ritual do batismo aponta o papel fundamental desempenhado pelo casal de porta-bandeira e mestre-sala de uma escola de samba. Daí a questão: como seriam eles formados as portas-bandeira tendo em vista as regras e preceitos em que se norteiam suas performances?



Com o objetivo de fornecer subsídios para o desempenho de casais de mestre-sala e porta-bandeira ou porta-estandarte, o símbolo mais importante das agremiações carnavalescas, se organizou a Associação de Mestres Salas, Porta bandeiras e Portas Estandartes do estado de São Paulo (AMESPBEEESP), fundada, dentre outros sambistas, por Mestre Gabi. As reuniões dessa Associação acontecem, no decorrer do ano sem periodicidade fixa, nas quadras das várias agremiações carnavalescas do estado de São Paulo.

No exercício das funções pedagógicas como embaixador e mestre sala, Mestre Gabi participa de uma reunião mensal promovida por essa Associação, em dezembro de 2007 na quadra da Unidos do Peruche, sediada na cidade de São Paulo.

Dona China, conhecida porta-bandeira de São Paulo, foi instrutora nessa Associação, dançando, inclusive, com Mestre Gabi e, principalmente, preocupada com o respeito às regras de conduta dos casais de Mestre Sala e Porta Bandeira tendo em vista que são responsáveis pavilhão, síntese das cores e símbolos de uma agremiação carnavalesca.. Diz ela: no samba, precisa ter experiência. E relembra as homenagens que recebia na sua escola de samba “Vai Vai”: (um diretor de harmonia trazia) o casal de Mestre Sala e Porta Bandeira e trazia o Pavilhão pra beijar na minha barraca. Quando (eles) saíam (...), ficava todo mundo olhando, querendo beijar. Pavilhão é respeito. Não pode nem pegar com a mão! E com a mão toda suja, com cerveja. Ah! Não dá! Então, disse pra Harmonia: “eu devo ir a eles, não eles a mim. Vou beijar lá dentro.”⁷

A formação dos casais se faz na prática da dança e da evolução para porta-bandeira e para mestre-sala. Ou seja, os casais considerados mais experientes e/ou que se destacam nos desfiles anuais realizados pelas grandes escolas de samba acompanham as reuniões a fim de treinar os demais com trocas de informações e transmissão das regras de conduta. Não se pode esquecer que as portas-bandeira de uma agremiação carnavalesca, mas principalmente, o primeiro casal representa suas cores e símbolos. Nas atividades em que participam diversas agremiações, a porta-bandeira daquela que as sedia é considerada anfitriã das demais. Para tanto, permanece na porta principal da quadra, recepcionando os casais de porta-bandeira e mestre-sala. Após as reverências à agremiação carnavalesca visitante através do seu pavilhão, o casal é conduzido até

7 Cf. explica Dona China no depoimento concedido em 11 de janeiro ...

o local onde são alocados os pavilhões. Esse trajeto ritual é refeito a cada momento, anunciando a chegada das agremiações participantes em determinado evento.

Os embaixadores e embaixatrizes que são porta-bandeira e mestre-sala nem todos atuam na AMESPBEESP, mas a sua formação já demonstra a importância da transmissão oral de informações e conhecimentos no contexto das escolas de samba no estado de São Paulo. Portanto, a sua função pedagógica é fundamental na preparação de portas-bandeira e mestres-sala, tendo em vista as mudanças introduzidas no concurso anual e desfiles carnavalescos onde o desempenho do primeiro casal de porta-bandeira e mestre-sala constitui um dos quesitos de avaliação. No entanto, ressalta Dona China – embaixadora-mestre e uma das portas-bandeira mais conhecidas do GRCS “Vai Vai”: antigamente, é a dança no pé que valia. Hoje em dia, são as plumas.⁸

Considerações finais

No desempenho de suas funções pedagógicas, embaixadores e embaixatrizes se defrontam, dentre outros desafios, com o de preservar tradições do samba e suas representações, contribuindo para formação de outros sambistas, sem perder de vista, contudo, as mudanças na produção dos desfiles carnavalescos nas últimas décadas.

Desse fogo cruzado entre aspectos considerados tradicionais e modernos se configura um paradoxo, ou seja, entre um saber fazer acumulado na vivência prática no cotidiano das várias agremiações carnavalescas onde um conjunto de práticas transmitido oralmente segue uma cartilha com prazo de validade vencido ou a se expirar. Apesar dessa análise recorrente, Silveira (2004) chama a atenção para a importância da aquisição de preceitos e valores fundamentais para manter as tradições no samba e, escreve ele, os “preceitos são produzidos e se reproduzem na seara lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam, em grande parte, mediante a transmissão oral, com seu rico conteúdo constituído por biografias e narrativas em que o foco principal é as atitudes ou circunstâncias de cunho exemplar” (idem, p. 40).

É forçoso reconhecer, no entanto, que a atuação pedagógica de embaixadores e embaixatrizes para além das fronteiras de suas

8 Idem, *ibidem*

agremiações carnavalescas encontre cada vez mais dificuldade para se viabilizar. Penteado, diretor do Departamento Cultural do GRCES "Vai Vai" e presidente da Embaixada do Samba com dois mandatos consecutivos, admite, sem confessar abertamente, esse fato, ao declarar: somos muito consultados (para dar palestras, principalmente) dentro da nossa escola de origem (...) trabalho com a garotada que está na comissão de frente e nas outras alas para mostrar como elas surgiram. E assim, conclui: nada do que nos foi proposto deixamos de fazer.

Essa tendência parece predominar entre os componentes da Embaixada do Samba de São Paulo, conforme tive oportunidade de observar na maior parte das atividades por eles coordenadas no decorrer da pesquisa realizada entre 2008-2010.

Referências bibliográficas

BLASS, L. (2007). *Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do Carnaval*. São Paulo, AnnaBlume.

_____. (2009). *Guardiões do Samba: da força da idade a força de caráter*. Projeto de pesquisa/Bolsa Produtividade, CNPq.

_____. (2010). *A força da idade e os guardiões do samba*. Relatório técnico/Bolsa Produtividade, CNPq.

SILVEIRA, V. L. F. (2004). *Portelinha: espaço de construção da identidade portelense*. Monografia de graduação em História. Niterói, Universidade Federal Fluminense.

URBANO, M. A. (2006). *Carnaval & Samba em evolução na cidade de São Paulo*. São Paulo, Plêiade.

Fotos: - Valtemir Valle (Seo Nenê);
Leila Blass (demais)